

Roger Scruton e o sexo: uma resposta a Lucas Miotto

Roger Scruton and Sex: A Response to Lucas Miotto

Aluizio Couto
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

O estatuto moral da pornografia tem gerado, nos últimos anos, interessantes discussões. No entanto, não irei lidar diretamente com a pornografia neste artigo. Minha intenção aqui é analisar alguns comentários do filósofo Lucas Miotto acerca da perspectiva de Roger Scruton das relações sexuais. Concluo que tal perspectiva é, ao menos, mais plausível do que pode inicialmente parecer.

Palavras-chave

Pornografia, Relações Sexuais, Ética Prática

Abstract

The moral status of pornography has generated interesting discussions over the last years. However, I will not deal with it in this article. Rather, I intend to analyze here some remarks made by philosopher Lucas Miotto on Roger Scruton's view of sexual relations. I conclude that this view is at least more plausible than it might first appear.

Key-words

Pornography, Sexual Relations, Practical Ethics

Introdução

O filósofo Lucas Miotto (2012) publicou nesta revista um vigoroso artigo cuja finalidade era colocar em causa a ideia de que a pornografia é moralmente errada. Para tal fim, ele ofereceu várias objeções a argumentos contrários à pornografia. Algumas dessas objeções são direcionadas ao filósofo conservador Roger Scruton (2001; 2012). Pretendo argumentar que essas objeções não são plenamente satisfatórias. O artigo terá a seguinte disposição: sustentarei que a distinção entre as relações sexuais humanas e as relações praticadas por outros animais não é relevante; oferecerei objeções ao que Miotto parece entender como evidência empírica aceitável e, por fim, defenderei a ideia de que a erosão, pelo menos em larga escala, dos sentimentos complexos e da responsabilidade nas relações sexuais pode ter consequências moralmente relevantes (no caso, desastrosas). Deixo claro de antemão que não tratarei da prática da pornografia.

Relações sexuais humanas e não-humanas

Começemos com a descrição do argumento de Scruton feita por Miotto:

Scruton defende que a relaçaõ sexual entre pessoas se difere das relaões sexuais entre animais nã-humanos. A relaçaõ sexual entre pessoas envolve diversos sentimentos complexos que são identificados entre os parceiros por meio de olhares e insinuaões. No entanto, estabelecer uma relaçaõ com alguém não se resume em identificar esses sentimentos e buscar satisfazê-los. Alé da identificaçaõ dos sentimentos, é necessária uma forma de negociaçaõ entre os parceiros e, nessa negociaçaõ, a liberdade e a responsabilidade entram em jogo. Só há uma relaçaõ genuína se a pessoa é livre para aderir aos apelos sentimentais da outra e for responsável por essa aderência. A relaçaõ envolve riscos, por exemplo, de ofender a outra pessoa, de deixá-la traumatizada. Por isso que a responsabilidade também desempenha um papel importante.

A pornografia suprime o papel da liberdade e da responsabilidade das relaões. Ela proporciona uma satisfaçaõ de desejos sexuais sem riscos. Isso faz com que as pessoas se tornem viciadas nessas formas de satisfaçaõ isentas de riscos e passem a desvalorizar as relaões genuínas em que a liberdade e a responsabilidade desempenham um papel crucial (MIOTTO, 2012, p. 116).

Após a descriçaõ, ele afirma, baseando-se em referências empíricas, que discorda da premissa segundo a qual as relaões sexuais humanas diferem substancialmente daquelas praticadas por outros animais. Ele afirma também que o argumento de Scruton continua fraco mesmo se aceitarmos tal premissa. No entanto, penso que a distinçaõ em causa não é relevante. Podemos simplesmente sustentar que aspectos que não se confundem com as relaões sexuais humanas, mas que com se elas relacionam, têm relevância moral. Dessa forma, ações como a negociaçaõ entre os parceiros e o estabelecimento de responsabilidades sexuais têm relevância moral não porque são características da espécie humana ou porque são constituintes das relaões sexuais, mas porque possuem consequências para seres moralmente relevantes e são do interesse desses mesmos seres. Penso que qualquer perspectiva da sexualidade humana que se pretenda razoavelmente plausível do ponto de vista moral precisará também levar em conta ações relacionadas ao sexo, mas diferentes dele, como, por exemplo, a abordagem com fins sexuais, o consentimento, as intenões, etc. Portanto, para destacar a importância moral do sexo para os seres humanos, não é necessário diferenciar as relaões sexuais humanas das não humanas.

Evidências empíricas

Scruton também afirma que a pornografia leva à supressão do papel da liberdade e da responsabilidade nas relações, o que causa a desvalorização das relações genuínas, pautadas pela liberdade e pela responsabilidade. Segundo Miotto, tal afirmação carece de evidência empírica e deve ser rejeitada. Penso que a razão pela qual Miotto rejeita a afirmação de Scruton não dá a ele justificação suficiente para tanto. Miotto parece aceitar o pressuposto de que se não temos evidências empíricas robustas que suportem uma determinada afirmação, devemos rejeitá-la. Penso que o pressuposto assumido por Miotto é exigente demais: não é claro qual o grau de sofisticação e abrangência que tais evidências devem satisfazer para ser relevantes.

Podemos, em princípio, propor que uma evidência é robusta (portanto adequada) se e somente se derivada de práticas científicas reconhecidas. Tal coisa é demasiado exigente porque tornaria observações pessoais de fenômenos mais gerais simplesmente descartáveis. Embora seja provavelmente verdade que a plausibilidade de afirmações empíricas seja em parte função da qualidade das evidências empíricas que as sustentam, penso que o mais razoável é considerá-las mais facilmente revogáveis quando sustentadas por não mais que observações pessoais, o que é diferente de descartá-las (desde, é claro, que a afirmação seja feita de boa fé). Em ensaio escrito para defender a instituição do casamento tradicional, Scruton observou, por exemplo, que a diminuição das responsabilidades sexuais tornou as relações maritais mais rasas (2013). Embora a observação de Scruton não seja referendada por evidências empíricas robustas, recusá-la pura e simplesmente me parece exagero. Penso, portanto, que devemos abaixar o nível da exigência proposta por Miotto de modo a admitir afirmações baseadas em impressões pessoais. O ônus disso, é claro, é aceitar que afirmações como a de Scruton são bastante frágeis.

Cabe ressaltar o seguinte: é desse modo que justificamos parte substancial de nossas crenças. Se duas pessoas debatem se há ou não a predominância de uma determinada etnia em um local qualquer, é provável que ambas tomem a observação pessoal do oponente como uma fonte fraca de justificação. Essas justificações, como já dito, podem ser revogadas por estudos conscienciosos, mas nem por isso são destituídas de valor.

Disseminação das relações fortuitas e alguns possíveis efeitos

No entanto, Miotto aceita, ao menos para fins de argumentação, que a pornografia leva à

supressão do papel da liberdade e da responsabilidade nas relações sexuais. Ele extrai disso algumas conclusões:

Porém, ainda que seja verdade que a pornografia leva a essa supressão, não vejo como isso tornaria a pornografia moralmente errada. Parece-me que, no máximo, a supressão da liberdade e da responsabilidade – do modo entendido por Scruton – só arruinaria um tipo específico de relação: uma relação profunda em que as partes compartilham sentimentos complexos e não meros desejos carnavais. Mas esse não é o único tipo de relação sexual que existe.

Scruton parece pressupor que há alguma coisa de errado com o sexo casual, por exemplo. No sexo casual, essa relação profunda não existe, há mera satisfação de desejos carnavais. Mas, o que há de errado se duas pessoas consentem em satisfazer mutuamente os seus prazeres por algumas horas? Esse tipo de relação não tem toda a mágica que Scruton pressupõe, mas não parece haver razão alguma para condená-la. Se as partes consentirem, não há qualquer dano para qualquer pessoa que seja. (MIOTTO, 2012, p. 117).

Mesmo que não seja uma tarefa fácil ver como essa supressão tornaria a pornografia moralmente errada, penso que vale a pena considerar a ideia de que os efeitos que Miotto assume que ela gera são moralmente relevantes: pode-se defender que, pelo menos em larga escala, a dissolução dos laços sexuais dotados de sentimentos complexos prejudica não apenas instituições essenciais à manutenção da sociedade (a família, por exemplo), mas também, como consequência, os indivíduos gerados a partir de relações fortuitas – relações que não são exatamente conhecidas pela esterilidade. O psiquiatra e ensaísta inglês Theodore Dalrymple (2011), baseando-se na experiência com seus pacientes, é um crítico da dissolução dos laços sexuais complexos:

The loosening of the bonds between the parents of children, however they were forged, has had a disastrous consequences both for individuals and society. So, obviously, one would need to be a trained intellectual to be able to deny them. In the area in which I worked, in a city in which, incidentally, most social indicators such as income and unemployed were more or less average for the country as a whole, it was almost unknown for a child to be living in a household with both

of its biological parents. When asked who his or her father was, a young person would often reply 'Do you mean my father at the moment?' Contact with biological fathers had often been completely lost; or, if maintained, was wholly conflictual, since he used it as a weapon in the love-hate war against the mother. Half-siblings were much more common than full siblings; serial step-fatherhood was the norm, and it was far from uncommon for a young mother to expel her own children from her home because her new boyfriend did not wish the children (biological evidence, after all, of her previous liaisons) to remain there, and gave her a ultimatum: them or me. In most cases of which I am aware, the mother chose him, and I do not recall a single case of a woman throwing out the new boyfriend because he demanded the expulsion of her children by another man. (DALRYMPLE, 2011, p. 37-8)

O parágrafo de Dalrymple sugere, embora não conclusivamente, que os efeitos da proliferação de uniões meramente carnavais não são moralmente irrelevantes – elas afetam negativamente agentes morais. Além disso, afirmar, como faz Miotto, que as relações complexas são apenas um tipo particular de relação sexual não é iluminante. O uso da transparência é apenas uma entre várias formas de proceder nos negócios. No entanto, é uma forma muito importante e dissolvê-la acarretaria más consequências. Pode ser o caso de as relações complexas constituírem um tipo especial de contato sexual.

Não estou argumentando que Miotto está errado ao não ver problemas graves na extinção das uniões sexuais complexas. Quero apenas mostrar que seu posicionamento está longe de ser óbvio. Ele requer, portanto, uma defesa mais forte. Se admitirmos que a pornografia efetivamente conduza as relações sexuais complexas à ruína, as consequências disso poderão não apenas ser moralmente relevantes, mas também, como Dalrymple sugere, socialmente relevantes.

Outra afirmação de Miotto que merece atenção mais detida é a seguinte: “se ambas as partes consentirem, não há qualquer dano para qualquer pessoa que seja”. Parece-me que, ausente a responsabilidade, essa afirmação condicional é simplesmente falsa. Relações sexuais consentidas podem causar danos a terceiros. O exemplo mais simples talvez seja a geração de filhos: a experiência comum fornece vários exemplos de crianças que crescem em más condições porque os pais não as queriam desde o início (considerando-as um efeito nefasto de uma relação fortuita). A diferença entre a geração de filhos dentro de um compromisso apropriado à criação deles e sua geração em outras circunstâncias, nem sempre favoráveis, não deve ser negligenciada. Relações sexuais fortuitas podem, assim, causar danos.

As relações sexuais, de acordo com Scruton, envolvem riscos (não é irrazoável considerar uma gravidez indesejada um risco traumatizante), razão pela qual o papel da responsabilidade não deve ser minorado. Mas se aceitarmos que não há nada de particularmente grave com a ruína da responsabilidade e aceitarmos também que o consento é condição suficiente para o ato ser justificado, o sexo fortuito sem proteção não apresenta quaisquer problemas. Isso parece errado: quando se assume tal risco, é preciso levar em consideração as condições futuras da pessoa que poderá ser gerada.

Por fim, ressalto que meus comentários se aplicam à erosão de certos valores sexuais, como a responsabilidade e a existência de sentimentos nas relações sexuais. Não sei se a pornografia leva esses valores à ruína. No entanto, mesmo que não leve, sua ruína não parece ser algo destituído de importância moral. Se isso estiver correto, a perspectiva de Scruton das relações sexuais, a despeito de suas falhas argumentativas, não parece ser de todo implausível.

Referências Bibliográficas

DALRYMPLE, Theodore. *Spoilt Rotten: The Toxic Cult of Sentimentality*. Londres: Gibson Square, 2011.

MIOTTO, Lucas. O que há de errado com a pornografia?. *Fundamento*. Vol. 1., N 4 p. 109-123, 2012.

SCRUTON, Roger. *Porn and Corn*. Blunt Edge, 2001. Disponível em: <http://www.artinfluence.com/bluntedge/PornandCorn.html>. Acesso dia 04/12/2013.

_____. *Pornography, Persons and Sexual Desire*, 2012. Disponível em: <http://payingattentiontothesky.com/2012/05/18/pornography-persons-and-sexual-desire-roger-scruton/>. Acesso dia 04/12/2013.

_____. *Casamento Significativo*. *Crítica na Rede*, 2013. Tradução de Aluizio Couto. Disponível em <http://blog.criticanarede.com/2013/11/por-que-o-casamento-e-importante-para-o.html>. Acesso dia 04/12/2013.